

Nedson Moreira Batista

DEUS:

COMO EU TE OBSERVO

VOLUME VIII

A VIDA ACONTECE HOJE

O movimento, a percepção e o instante que não volta



Monte Mor - São Paulo - Brasil · 2026

DEUS: COMO EU TE OBSERVO
VOLUME VIII - A VIDA ACONTECE HOJE

Nedson Moreira Batista

Este volume nasce de uma manhã em que o autor pretendia interromper a escrita. A dificuldade de encontrar palavras abriu uma contemplação sobre o mundo em movimento: pessoas indo ao trabalho, crianças chegando à escola, alguém dormindo na calçada, diagnósticos, promoções, nascimentos, perdas, amores, projetos e milhares de trajetórias coexistindo no mesmo instante.

A primeira voz preserva o movimento emocional da oração e ocupa o centro do livro. A segunda voz retorna depois, já como autor, sem equilibrar artificialmente aquilo que foi dito. A terceira voz utiliza a Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI) apenas quando a formalização acrescenta clareza.

As cenas situadas em diferentes países e cidades são construções contemplativas e literárias usadas para representar possibilidades humanas simultâneas. Não são apresentadas como reportagem nem como afirmações factuais sobre pessoas específicas. A fé é confessada pelo autor; a TCI permanece no plano da representação.

Copyright © 2026 Nedson Moreira Batista. Todos os direitos reservados.

“A vida não é para depois. A vida é para este momento.”

— *Nedson Moreira Batista*

As três vozes no Volume VIII

A VOZ I - PENSAMENTO

É a oração enquanto ainda acontece. Neste volume ela atravessa cidade, calçada, aeroporto, fábrica, loja, hospital, estrada, maternidade e lugares que só aparecem como possibilidade contemplativa. A forma itálica preserva visualmente a distância entre a experiência viva e as vozes que chegam depois.

A VOZ II - O AUTOR

Retorna ao que eu disse sem a obrigação de construir uma compensação para cada afirmação. Sua função é reconhecer movimentos do pensamento, delimitar o que é imaginação e preservar a direção autoral. Ela não corrige a emoção para torná-la simétrica.

A VOZ III - A TCI

Entra como nota de método. O observador pertence ao sistema, recebe perturbações, seleciona propriedades e constrói representações incompletas. A teoria não autentica experiências religiosas e não transforma cenas imaginadas em fatos. Ela apenas ajuda a distinguir interação, estado, trajetória e realidade.

Prefácio - A manhã não me esperou

Eu pretendia parar de escrever.

Talvez por algum tempo. Talvez até que as palavras voltassem com mais facilidade. Eu já tinha atravessado a arena, caminhado em direção ao ribeiro, olhado para uma casa em construção e aprendido que nem todo livro precisa terminar com uma chegada. Naquela manhã, porém, eu não queria continuar.

Foi justamente quando a palavra parecia sumir que o mundo começou a aparecer.

Primeiro vieram cenas simples: alguém indo para o aeroporto, uma mãe preparando o filho para a escola, uma linha de produção começando, um homem acordando na calçada com parte da coberta molhada. Depois a percepção se abriu. A cidade ganhou som. A loja era lavada. A roleta girava. Um ônibus chegava. Uma conversa passava. Um pombo esperava alguma coisa cair no chão.

E então a imaginação foi mais longe. Pensei em pessoas recebendo notícias boas e ruins, em famílias se preparando para encontros, em alguém começando uma universidade, em alguém perdendo uma casa, em um pai aconselhando um filho, em uma criança nascendo, em outra vida chegando a uma situação de risco. Não eram notícias que eu estivesse relatando. Eram possibilidades humanas tentando me mostrar a dimensão de uma coisa muito simples: a vida acontecia ao mesmo tempo em todos os lugares.

Meu corpo tremia.

Eu tinha passado anos concentrado em dores reais da minha própria trajetória. Perdas patrimoniais, processos, reconstruções, medo, cansaço. Nada disso desapareceu nessa manhã. Só deixou de ser a única coisa dentro do campo de observação.

Foi quando outra pergunta surgiu. Não apenas o que acontece comigo, mas como aquilo que acontece encontra espaço dentro de mim. Como percebo. Como recebo. Como sinto. Como interajo.

A casa que eu vinha construindo ganhou uma nova exigência. Ela não poderia existir isolada do mundo. Teria de aprender a receber o mundo sem ser destruída por cada contato.

E, no meio disso, uma palavra ficou repetindo: hoje.

A vida acontece hoje.

Foi assim que o Volume VIII começou.

Sumário

PARTE I - A MANHÃ EM QUE O MUNDO NÃO PAROU

Capítulo 1 - Quando a palavra parece sumir

Capítulo 2 - O homem da calçada

Capítulo 3 - Quem passa e não vê

Capítulo 4 - O mundo acontece longe da cabana

PARTE II - MILHARES DE VIDAS AO MESMO TEMPO

Capítulo 5 - O instante que não volta

Capítulo 6 - Do outro lado do planeta

Capítulo 7 - Nascimento, perda, paixão

Capítulo 8 - Meu corpo tremia

PARTE III - COMO O MUNDO ACONTECE EM MIM

Capítulo 9 - Eu ia parar de escrever

Capítulo 10 - Não é só o que acontece

Capítulo 11 - Eu não vivo isolado do mundo

Capítulo 12 - Ser percebido e perceber

PARTE IV - HOJE

Capítulo 13 - Nenhum projeto pode parar

Capítulo 14 - Amanhã será hoje

Capítulo 15 - A vida acontece hoje

Capítulo 16 - A vida é para este momento

Epílogo - O hoje não parou

Caderno conceitual - TCI neste volume

Referências

Sobre o autor

PARTE I

A MANHÃ EM QUE O MUNDO NÃO PAROU

O dia começou enquanto eu procurava palavras. A cidade não esperou pela minha explicação.

CAPÍTULO I

Quando a palavra parece sumir

VOZ I • PENSAMENTO

Pai.

Hoje é um daqueles dias em que a palavra parece sumir. Eu tento procurar uma explicação para o momento e ela escapa antes de ganhar forma. A respiração trava. O som parece não querer sair dos lábios. Eu fico alguns segundos apenas olhando para o espaço, tentando reconhecer dentro de mim onde foi parar aquilo que sempre me fez escrever.

E então eu imagino uma manhã comum.

Alguém acordou porque tinha uma reunião importante. Escovou os dentes, tomou café, conferiu o horário, ajeitou a roupa, chamou um carro e foi em direção ao aeroporto. Talvez tenha olhado o celular no caminho. Talvez tenha respondido uma mensagem. Entrou no avião levando consigo um compromisso que, para ele, tinha tamanho suficiente para organizar o dia inteiro. No fim da tarde, se tudo desse certo, voltaria com a sensação de propósito cumprido.

Em outro lugar, alguém acordou uma criança. Procurou a roupa, separou o material escolar, encontrou uma meia que tinha sumido, ajeitou o cabelo, conferiu a mochila. Levou o filho até a escola e depois seguiu para o trabalho. Crachá na mão. Roleta. Relógio. Linha começando a operar. Objetos passando diante dos olhos enquanto a cabeça continua ocupada por contas, pelo jantar, por um problema que ficou em casa, pelo horário em que precisará voltar.

Nenhuma dessas pessoas sabe que eu estou aqui tentando escrever.

E eu não sei onde elas estão.

Mesmo assim, a vida delas acontece.

Foi essa percepção que começou a abrir uma pequena passagem dentro do silêncio. Enquanto eu não encontrava uma palavra, o mundo inteiro continuava produzindo palavras, passos, ruídos, decisões e movimentos. A minha dificuldade de falar não interrompia a manhã.

Senhor, talvez hoje eu não precise começar entendendo. Talvez eu precise primeiro olhar.

Olhar o mundo acontecendo enquanto eu ainda tento respirar.

VOZ II • O AUTOR

Quando releio essa abertura, percebo que o livro nasce justamente de uma falha de linguagem. A palavra some e, em vez de encerrar a escrita, o silêncio desloca a atenção para fora. O mundo funciona como primeiro objeto de observação antes de se tornar reflexão sobre mim.

VOZ III • A TCI

Na TCI, ausência momentânea de linguagem não equivale à ausência de realidade. O modelo M pode perder capacidade de representação verbal enquanto R continua se modificando. A observação recomeça por novas propriedades acessíveis.

CAPÍTULO 2

O homem da calçada

VOZ I • PENSAMENTO

Senhor, no meio dessa manhã eu volto para outra cena.

Um homem acorda na rua. Ele olha para um lado, depois para o outro. A ponta da coberta está molhada. Alguém, sem perceber, jogou água no chão durante a madrugada ou no começo do dia e a água chegou até onde ele dormia. Não existe café da manhã esperando. Não existe um banheiro a poucos passos. O olho ainda está embaçado pelo sono.

Mais adiante, um pombo espera. Alguém vai comer alguma coisa, talvez pipoca, talvez pão, e uma migalha pode cair. O animal não conhece a história daquele homem. O homem talvez nem perceba o pombo. Os dois ocupam por alguns instantes a mesma região da cidade esperando coisas diferentes.

A multidão passa.

O cheiro de suor encontra o cheiro de bebida que ficou da noite anterior. Há sujeira escurecida debaixo das unhas. A coceira aparece no corpo. Algumas coisas já não incomodam do mesmo jeito porque o organismo também aprende a conviver com aquilo que não deveria ser normal.

Uma mulher passa falando ao telefone. Ela conta para uma amiga que conheceu alguém no dia anterior. Está animada. Imagina o que pode acontecer, pergunta a si mesma quem é aquele homem, pensa no próximo encontro. A voz chega inteira por alguns segundos e depois vai diminuindo com a distância.

O homem escuta um pedaço de uma história que não pertence a ele.

E ela segue carregando uma esperança que talvez nunca saiba que foi ouvida por alguém sentado no chão.

Eu olho para isso, Pai, e sinto um desconforto que não quero enfeitar. A cidade coloca realidades muito diferentes a poucos metros umas das outras. A alegria não pede licença à fome para existir. A pressa não para automaticamente diante da miséria. A miséria também não consegue suspender a vida de quem precisa chegar ao trabalho.

Tudo continua.

E eu começo a perceber que observar dói porque aproxima coisas que normalmente passam separadas dentro da cabeça.

VOZ II • O AUTOR

A cena concentra desigualdade sem transformar imediatamente quem passa em personagem moral simples. O homem na rua, a mulher ao telefone e o pombo ocupam o mesmo espaço com necessidades diferentes e acesso desigual às possibilidades daquele ambiente.

VOZ III • A TCI

Observadores coexistentes compartilham parte do mesmo ambiente e ainda assim constroem modelos muito diferentes. A sobreposição espacial não produz equivalência de experiência.

CAPÍTULO 3

Quem passa e não vê

VOZ I • PENSAMENTO

Pai, eu imagino o homem que saiu do aeroporto chegando ao centro da cidade. Ele tem uma reunião naquele prédio. O horário está apertado. Ele atravessa a calçada e o homem sentado estende a mão.

Uma moeda.

Qualquer coisa.

O homem apressado continua. Talvez tenha visto. Talvez não tenha visto. Talvez tenha percebido e decidido que não podia parar. Talvez tenha aprendido a não olhar. Eu não sei.

Pouco depois, passa a mulher que deixou o filho na escola. Ela precisa fazer baldeação. Tem um número de ônibus para pegar e uma conta dentro da cabeça. No dia seguinte vence a parcela da televisão que ela sonhou comprar. Ela calcula quantas horas extras seriam necessárias para manter o planejamento. Ao mesmo tempo pensa no marido. Há comentários sobre corte de pessoal. Ele pode perder o emprego. Ela já imagina como conversar com ele sem transformar medo em briga. Ela o ama. Quer chegar em casa e ser apoio, mesmo estando cansada.

O olhar dela está fixo no chão.

Mas não vê o chão.

O pensamento está em outro lugar.

E ela passa perto do homem.

Senhor, isso me impede de escrever uma história simples sobre bons e maus. Às vezes alguém não percebe porque está carregando outra coisa. Às vezes percebe e escolhe não parar. Às vezes poderia ter parado. Às vezes eu poderia ter parado.

Essa última frase me incomoda mais.

Quantas vezes eu atravessei uma calçada e fiz de conta que não enxerguei? Quantas vezes eu estava ocupado demais com a minha própria urgência para reconhecer a existência de alguém a poucos passos?

Eu não quero transformar essa oração num tribunal contra quem passa. Eu estou dentro da rua também.

Eu já fui o apressado.

Eu já fui o preocupado.

Eu já fui quem precisou ser visto.

Talvez por isso essa manhã esteja mexendo tanto comigo.

VOZ II • O AUTOR

A oração recusa uma condenação automática porque eu também pertenço à rua que observo. A atenção é limitada e pode estar tomada por medo, contas, trabalho ou pressa. Isso não elimina responsabilidade; impede apenas que eu finja conhecer integralmente o outro.

VOZ III • A TCI

Atenção é recurso finito. Quando determinadas variáveis dominam M, outras propriedades de R podem permanecer acessíveis fisicamente e ainda assim sub-representadas. Não ver pode ter causas diferentes; o modelo não autoriza inferência total de intenção.

CAPÍTULO 4

O mundo acontece longe da cabana

VOZ I · PENSAMENTO

A variedade de som aumenta, Senhor.

Uma moça joga um balde de água na calçada para lavar a frente da loja. O dia começa e ela precisa deixar tudo pronto. A água corre levando poeira, pequenas folhas, a marca de sapatos que passaram antes dela. Em poucos minutos alguém abrirá a porta, acenderá as luzes, ajeitará uma arara, conferirá o caixa.

Um ônibus freia.

Uma buzina responde a outra.

Uma criança chama alguém.

Passos cruzam a calçada. Chaves batem dentro de uma bolsa. Uma grade sobe. Um portão fecha. Um telefone toca. Um vendedor organiza mercadoria. Um entregador confere um endereço. Um café começa a espalhar cheiro para quem pode comprar e também para quem apenas passa.

Tudo numa velocidade que nenhum de nós consegue reunir por inteiro.

Sons, caminhadas, sentimentos, sensibilidades, cheiros, olhares. Tudo acontecendo naquele exato momento.

E aquele momento não voltará nunca mais.

Nunca mais.

Isso me atravessa, Pai.

Por muito tempo eu escrevi dentro da cabana. Depois escrevi dentro da arena. Caminhei até o ribeiro. Olhei para uma casa que eu queria construir. Hoje eu percebo que o mundo continuava existindo enquanto eu fazia tudo isso.

O mundo acontece longe da cabana.

Longe da arena.

Longe até da minha capacidade de percebê-lo.

A minha história não é o relógio do universo. A minha dor não determina o horário das outras vidas. Enquanto eu chorava, alguém ria. Enquanto eu reconstruía, alguém começava. Enquanto eu perdia, alguém encontrava. E nenhuma dessas coisas precisava esperar a outra terminar.

Talvez eu tenha saído de casa nesta oração sem sair fisicamente de onde estou.

Eu apenas abri o campo de visão.

E ele ficou grande demais.

VOZ II · O AUTOR

Aqui ocorre uma expansão decisiva da série. Cabana, arena, ribeiro e casa continuam válidos, mas deixam de ser o centro exclusivo. O mundo não aguardou a conclusão da minha história para continuar produzindo outras histórias.

VOZ III · A TCI

A realidade excede qualquer região simbólica usada pelo observador. Cabana e arena são compressões úteis, não totalidades. O campo R permanece maior do que os modelos narrativos que construo para atravessá-lo.

PARTE II

MILHARES DE VIDAS AO MESMO TEMPO

A contemplação deixa de caber numa rua. O pensamento tenta acompanhar um planeta inteiro e descobre que o instante é maior do que qualquer narrativa.

CAPÍTULO 5

O instante que não volta

VOZ I • PENSAMENTO

Senhor, hoje eu olho para esse movimento porque a vida está em movimento.

Tudo se movimenta.

Uma pessoa entra num elevador. Outra desce uma escada. Alguém abre uma janela pela primeira vez naquela manhã. Outro fecha uma porta sem saber que demorará muito para voltar. Uma mão assina um documento. Uma mensagem é enviada. Um alimento sai do fogo. Um remédio é administrado. Uma criança aprende uma palavra.

O que me espanta não é apenas a quantidade.

É a irrepetibilidade.

Esse minuto não volta.

Mesmo que amanhã alguém repita a mesma rotina, não será o mesmo dia. O corpo estará um pouco diferente. A memória terá acumulado outras coisas. Uma relação poderá ter mudado de lugar. Um objeto terá envelhecido. Uma preocupação poderá ter crescido ou desaparecido.

Eu consigo quase sentir o tempo passando pela cidade.

Não como um relógio na parede. Como matéria viva.

E então me pergunto quantas vezes eu deixei um dia inteiro atravessar meu corpo imaginando que a vida começaria depois. Depois de resolver um problema. Depois de receber uma resposta. Depois de terminar um processo. Depois de recuperar um dinheiro. Depois de colocar a casa em ordem.

Pai, e se a vida não estiver esperando?

E se ela já estiver acontecendo no intervalo em que eu digo que ainda não comecei?

Eu não quero usar isso para me violentar com pressa. Eu só não quero entregar o presente inteiro a uma promessa de futuro.

Hoje existe.

Eu estou dentro dele.

E talvez essa percepção seja uma das coisas mais simples e mais difíceis que já passaram pela minha cabeça.

VOZ II • O AUTOR

O tempo aparece menos como relógio e mais como irrepetibilidade. A mesma rotina pode se repetir, mas o estado do sistema já mudou. O presente se torna material de vida e não apenas intervalo para uma solução futura.

VOZ III • A TCI

Estados sucessivos não são cópias perfeitas. Mesmo sob rotinas semelhantes, trajetória, memória e condições externas atualizam o sistema. $t_1 \neq t_2$, ainda que algumas propriedades observáveis pareçam repetidas.

CAPÍTULO 6

Do outro lado do planeta

VOZ I • PENSAMENTO

A minha imaginação vai longe, Senhor.

Eu penso que, enquanto essa manhã acontece aqui, em algum lugar um médico pode estar escolhendo as palavras para comunicar um diagnóstico difícil. Em outro prédio, alguém pode abrir um e-mail e descobrir que recebeu a promoção que esperava havia anos.

Uma mulher pode contar os dias para rever a filha depois de meses trabalhando fora. Talvez já tenha pensado no que cozinhar. Talvez tenha arrumado um quarto. Talvez esteja olhando o relógio mais vezes do que de costume.

Eu imagino um vendedor no Japão preparando uma comida típica para um turista. O turista prova, sorri, ergue o telefone, faz uma fotografia. Em poucos segundos aquela imagem atravessa oceanos e aparece na tela de alguém na Argentina.

Imagino uma mulher na Rússia ordenhando uma vaca porque pretende fazer um doce para parentes que chegarão naquela semana. Imagino uma família em algum país africano comemorando porque um filho ingressará na universidade. Imagino uma família nos Estados Unidos recebendo uma comunicação de que poderá perder a casa e, imediatamente, um homem ligando para o irmão para pedir ajuda enquanto tenta proteger a família da instabilidade.

No Afeganistão, na imagem que nasce em mim, um pai está sentado com o filho perto de uma montanha. Há um rebanho. O sino denuncia a posição dos animais. O sol começa a descer. O pai fala. O garoto escuta alguma coisa que talvez só compreenda muitos anos depois. Quando voltam, seguem juntos.

No Chile, eu imagino outra família recebendo uma notícia que ninguém gostaria de receber: um filho ferido enquanto brincava de futebol.

Eu sei que essas cenas são contemplação. Não estou dizendo que conheço cada uma dessas pessoas. Não estou narrando um noticiário. Estou tentando alcançar, com a imaginação, a dimensão de quantas vidas cabem no mesmo instante.

E não cabe.

Nunca cabe tudo.

Ainda assim, tentar perceber isso muda o tamanho da minha própria manhã.

VOZ II • O AUTOR

As cenas globais são construções contemplativas. Não afirmo conhecer pessoas específicas vivendo cada situação; uso possibilidades humanas para tentar sentir a simultaneidade de um mundo que não cabe numa única narrativa.

VOZ III • A TCI

A imaginação amplia o conjunto de modelos possíveis, mas não transforma possibilidade em fato. A TCI exige manter a distinção entre representação hipotética e realidade empiricamente estabelecida.

CAPÍTULO 7

Nascimento, perda, paixão

VOZ I • PENSAMENTO

Pai, a quantidade de vida me confunde.

Ao mesmo tempo em que alguém recebe uma notícia terrível, outra pessoa está se apaixonando. Um amor é correspondido. Outro não. Alguém escreve uma mensagem e apaga três vezes antes de enviar. Alguém percebe que não quer mais continuar numa relação. Outro compra uma aliança.

Uma criança nasce numa maternidade em Campinas. Eu imagino os pais olhando para aquele rosto como se o mundo tivesse acabado de inventar uma nova região. O corpo pequeno respira. Os olhos dos adultos brilham. Há cansaço e encantamento no mesmo quarto.

Em São Paulo, em outra possibilidade dessa mesma contemplação, um homem pode estar preso às ferragens depois de um acidente, esperando por socorro.

Nada disso pede autorização ao restante para acontecer.

O nascimento não espera o acidente terminar.

A promoção não espera o diagnóstico.

A festa não pergunta se alguém, em outro lugar, está chorando.

O choro não cancela a festa.

Eu sinto vontade de organizar tudo, Senhor, mas o mundo não se organiza para caber na minha necessidade de sentido.

Milhões de paixões, medos, refeições, despedidas, pagamentos, encontros, atrasos, resultados de exames, provas escolares, telefonemas, compras pequenas, contratos, viagens, decisões. Tudo misturado no mesmo tempo.

Talvez por isso eu tenha sentido o corpo tremer.

Não era apenas a minha história passando pela mente.

Era a sensação de que eu estava tentando olhar para uma realidade grande demais para ser comprimida numa única explicação.

Eu vivi várias vidas na imaginação daquela manhã.

E cada uma delas devolveu a pergunta para mim: o que eu faço com o meu próprio hoje?

VOZ II • O AUTOR

A justaposição é intencional. Eu não organizo a vida em blocos em que primeiro vem a tragédia e depois a alegria. A simultaneidade é justamente aquilo que desorganiza minha necessidade de uma narrativa limpa.

VOZ III • A TCI

Múltiplas trajetórias coexistem sem sincronização moral. Sistemas distintos ocupam estados diferentes no mesmo intervalo temporal. A realidade não precisa apresentar uma sequência única para ser coerente.

CAPÍTULO 8

Meu corpo tremia

VOZ I • PENSAMENTO

Nesse momento, Senhor, meu corpo tremia.

Eu não quero explicar depressa o que foi aquilo. Não quero dar um nome apenas para fechar a cena. Eu sei que havia cansaço. Sei que havia emoção. Sei que eu vinha de um período longo de provas, perdas, disputas, preocupações e reconstrução. Mas naquele instante o corpo parecia participar da contemplação antes de eu conseguir organizá-la em palavras.

Eu pensei em tudo que havia atravessado nos últimos anos.

Patrimônios que se perderam.

Casas.

Carros.

Dinheiro.

Processos.

Planos interrompidos.

A sensação de precisar responder a muitas coisas ao mesmo tempo.

No auge da tentativa de recuperação, aquele filme do mundo acontecendo começou a passar dentro de mim.

Eu vivi várias e várias vidas ao mesmo tempo. Milhares delas.

Claro que eu não vivi literalmente a história de cada pessoa. Mas, por alguns minutos, minha percepção deixou de se limitar à própria ferida. Eu imaginava uma vida e logo outra aparecia. Uma preocupação encontrava outra. Uma alegria surgia antes que a tristeza anterior tivesse terminado.

A voz embargava.

O silêncio vinha.

Depois outra cena.

Eu pensava em parar de escrever e, ao mesmo tempo, alguma coisa em mim insistia que aquela manhã precisava ser registrada.

Talvez o tremor fosse também a medida daquilo que eu ainda não sabia dizer.

Eu estava diante de uma percepção grande demais para a frase que eu tinha disponível.

E foi então que eu entendi que o livro não tinha acabado.

VOZ II • O AUTOR

Eu não explico o tremor porque o material autoral não fornece uma causa única. Preservo o corpo como parte da observação. Ele reage antes que a linguagem consiga fechar o significado.

VOZ III • A TCI

O observador é corporal e histórico. Alterações fisiológicas participam das condições de O e influenciam M. A teoria não diagnostica a origem do tremor; apenas reconhece que observação não ocorre fora do corpo.

PARTE III

COMO O MUNDO ACONTECE EM MIM

Depois de olhar para fora, a oração retorna. O problema já não é apenas o que acontece, mas a maneira como o encontro entre mundo e observador produz vida por dentro.

CAPÍTULO 9

Eu ia parar de escrever

VOZ I • PENSAMENTO

Naquela manhã eu pretendia parar, Senhor.

Parar com o livro.

Não escrever.

Esperar um bom tempo.

Talvez eu estivesse cansado de procurar palavras. Talvez quisesse deixar a experiência descansar. Talvez uma parte de mim achasse que eu já tinha dito demais. Eu poderia fechar o arquivo e voltar quando estivesse mais fácil.

Mas veio aquele pensamento com uma força que eu não esperava.

O mundo está acontecendo.

Eu não poderia tratar a própria vida como se ela estivesse em pausa só porque eu estava cansado. A voz embargava, o silêncio aparecia, eu parava alguns segundos e, logo depois, a contemplação voltava. Centenas de vidas sendo vividas. Cada pessoa enfrentando alguma coisa à sua maneira. Cada uma tentando, falhando, recomeçando, seguindo, trabalhando, amando, suportando, celebrando.

E eu precisava escrever aquilo.

Não porque todo projeto deva continuar a qualquer custo. Eu não estava construindo uma regra universal naquele momento. Era algo muito específico comigo: eu sabia que queria escrever e estava prestes a interromper justamente no instante em que a própria oração começava a encontrar uma nova região.

Se eu fechasse tudo, talvez não perdesse apenas páginas.

Perderia aquele hoje.

Aquele pensamento veio e passou a me cobrar presença.

Não se pode viver o projeto apenas quando todas as condições parecem adequadas. Há dias em que escrever é abrir uma frase com a respiração curta. Há dias em que continuar é registrar uma linha e parar. Há dias em que um livro avança porque o autor conseguiu não abandonar completamente a mesa.

Senhor, naquele dia eu não precisava produzir muito.

Eu precisava não desaparecer daquilo que eu sabia que ainda estava vivo em mim.

VOZ II • O AUTOR

Este capítulo registra a origem concreta do volume: eu pretendia interromper a escrita e a própria contemplação transformou a interrupção em objeto do livro. Continuar não aparece como slogan de produtividade, mas como fidelidade a algo que ainda estava vivo.

VOZ III • A TCI

Persistência de projeto pode ser vista como continuidade de trajetória sob perturbação. A decisão de continuar não garante resultado; apenas mantém abertas possibilidades que seriam fechadas pela interrupção total.

CAPÍTULO 10

Não é só o que acontece

VOZ I · PENSAMENTO

Eu queria voltar para o homem da calçada, Pai.

Aquilo me incomodava.

Eu queria ficar naquela cena e perguntar o que poderia ser feito, por que ele estava ali, quem passava, quem parava, quantas vezes ele tinha sido ignorado. Mas o pensamento continuava abrindo outras vidas. Não era apenas a vida daquele homem.

E isso me obrigou a voltar para mim.

Quantas vezes eu passei por alguém e fiz de conta que não enxerguei?

Quantas vezes uma família recebeu uma notícia terrível e eu não tive a empatia necessária?

Quantas vezes alguém chegou feliz com uma conquista e eu não comemorei o suficiente porque estava ocupado com a minha própria preocupação?

Foi aí que uma frase ganhou força dentro de mim:

Não é apenas o que acontece em mim.

É como acontece.

Como eu percebo.

Como eu recebo.

Como eu sinto.

Como eu interajo.

A realidade externa não entra em mim como um objeto intacto. Ela passa pela minha história, pelas minhas expectativas, pelo meu cansaço, pelaquilo que eu temo, pelo que eu amo, pelo que eu estou preparado para ver e também pelo que não consigo enxergar.

Isso me pareceu profundo porque eu vinha tentando construir uma casa forte.

Até então, muitas vezes eu imaginava força como proteção contra o que vinha de fora. Naquela manhã comecei a perceber outra dimensão: uma casa também precisa aprender a receber o mundo sem permitir que cada acontecimento destrua sua estrutura.

O problema não era eliminar interação.

Eu não vivo isolado.

A interação é real.

E talvez a maturidade da casa dependa, em parte, de como tudo isso encontra lugar dentro de mim.

VOZ II · O AUTOR

A pergunta muda do evento para a interação. A realidade externa não é negada, mas eu começo a observar o que ela produz dentro de mim. A casa retorna agora como estrutura de processamento, não apenas como proteção.

VOZ III · A TCI

M = (O,R): o modelo resulta da relação entre realidade acessível e observador situado. A mesma entrada não produz necessariamente a mesma representação em observadores diferentes ou no mesmo observador em tempos diferentes.

CAPÍTULO II

Eu não vivo isolado do mundo

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor, todas as coisas que vivem em mim vivem a partir de alguma relação.

Uma lembrança depende de algo que aconteceu.

Uma expectativa aponta para alguma coisa que ainda desejo.

Uma decepção nasceu porque havia valor, esperança ou vínculo.

Uma alegria encontra uma pessoa, um lugar, uma notícia, um gesto.

Até o silêncio se relaciona com aquilo que poderia ter sido dito.

Eu não sou uma casa construída no meio do nada.

Há ruas em volta.

Há gente passando.

Há barulho.

Há clima.

Há notícias.

Há perdas.

Há encontros.

Há coisas que batem na porta sem que eu tenha chamado.

Durante muito tempo, talvez eu tenha desejado uma estrutura tão forte que nada mais pudesse me afetar. Mas isso não combina com a vida que eu estava contemplando. Se eu amo, eu sou afetado. Se eu convivo, eu sou afetado. Se eu observo, alguma coisa entra. Se alguém sofre perto de mim e eu consigo perceber, alguma região de mim precisa reagir.

A questão começa a mudar.

O que essas interações produzem dentro de mim?

O que eu faço com aquilo que chega?

O que eu transformo em medo? O que transformo em cuidado? O que vira raiva? O que vira prudência? O que vira gesto? O que fica apenas como ruído?

Pai, a casa forte talvez não seja a casa sem janela.

Eu não quero voltar a fechar tudo.

Quero aprender o que entra, o que permanece e o que precisa sair.

Quero continuar humano dentro da estrutura que estou construindo.

VOZ II · O AUTOR

A casa deixa de ser imaginada como isolamento perfeito. Janelas, ruas e encontros voltam à metáfora. A força desejada passa a incluir capacidade de interação sem perda integral de direção.

VOZ III · A TCI

Sistemas abertos trocam informação, energia e perturbação com o ambiente. Robustez não exige isolamento total; pode depender de filtros, fronteiras e capacidade de atualização sem colapso estrutural.

CAPÍTULO 12

Ser percebido e perceber

VOZ I · PENSAMENTO

Em volumes anteriores, Senhor, uma pergunta me acompanhou muito.

Como o Senhor poderia ouvir bilhões de orações ao mesmo tempo?

Como eu poderia não desaparecer no meio de tanta gente?

Eu queria saber se, enquanto outras pessoas pediam, choravam, agradeciam e buscavam, ainda existia espaço para a minha voz.

A imagem daquela multidão me fazia perguntar se eu seria percebido.

Agora a pergunta voltou de outro jeito.

E eu?

Eu percebo?

Eu que tantas vezes quis ser visto, consigo olhar?

Consigo perceber a alegria de alguém sem imediatamente comparar com o que me falta? Consigo reconhecer uma dor que não é minha? Consigo ouvir uma conquista sem transformar aquilo numa medida contra a minha trajetória? Consigo caminhar pela cidade sem reduzir as pessoas à função que ocupam diante de mim?

Pai, eu sei que não vou perceber tudo.

Nem consigo.

O mundo é grande demais.

Mas a impossibilidade de ver tudo não precisa ser desculpa para nunca olhar.

Talvez essa manhã tenha mudado uma pergunta que eu carregava há muito tempo. Eu queria saber se Deus me enxergava no meio da multidão. Hoje eu me descubro perguntando como eu enxergo a multidão estando dentro dela.

Isso não substitui a minha fé de ser ouvido.

Só acrescenta responsabilidade à minha própria percepção.

Eu também sou observador.

Eu também participo do sistema que observo.

Eu também mudo alguma coisa quando escolho olhar ou ignorar.

E essa consciência pesa, mas não do mesmo jeito que a bagagem da arena.

Ela pesa como responsabilidade de estar vivo.

VOZ II · O AUTOR

Há uma inversão importante: em outros volumes eu perguntava se seria percebido por Deus no meio da multidão. Aqui eu volto a pergunta para mim. A necessidade de ser visto passa a conviver com a responsabilidade de olhar.

VOZ III · A TCI

O observador não é apenas receptor. Ao selecionar, ignorar, responder ou agir, ele participa da dinâmica do sistema. Observar também é interagir.

PARTE IV

HOJE

A oração encontra uma palavra simples. O presente deixa de ser intervalo e se torna o lugar concreto onde amor, trabalho, perda, decisão e continuidade podem existir.

CAPÍTULO 13

Nenhum projeto pode parar

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor, neste Volume VIII eu quero te fazer uma pergunta que também parece um pedido.

Pode me mostrar que nenhum projeto vivo em mim precisa parar apenas porque o caminho ficou difícil?

Eu não estou dizendo que tudo deve continuar de qualquer jeito. Há projetos que terminam. Há coisas que precisam ser abandonadas. Eu já aprendi isso no jardim. Mas hoje estou falando daquilo que eu ainda reconheço como vivo.

Se está vivo, precisa de algum movimento.

Uma página.

Uma ligação.

Um passo.

Uma tentativa.

Uma conversa.

Uma pequena decisão.

A vida não se constrói fora do movimento.

O vendedor precisa oferecer.

O contador precisa calcular.

O advogado precisa escrever a peça.

O juiz precisa decidir quando chegar o momento de decidir.

O motorista da carreta precisa atravessar a estrada que existe diante dele. A estrada que ele vê é hoje. A chuva que pega no para-brisa é hoje. O posto em que para é hoje. O cansaço que precisa reconhecer é hoje.

O projeto também precisa encontrar o dia em que pode existir.

Eu não quero mais tratar a minha escrita como uma promessa que sempre começa depois.

Se eu só posso escrever uma linha, essa linha pertence ao hoje.

Se amanhã vier outra, amanhã também chegará disfarçado de hoje.

Talvez continuar seja isso: não exigir do presente aquilo que pertence a dez anos, mas também não entregar a dez anos aquilo que pode começar nesta manhã.

VOZ II · O AUTOR

A frase nasce como pedido pessoal, não como regra universal. Eu mesmo reconheço que alguns projetos terminam. O ponto é outro: aquilo que ainda reconheço como vivo precisa encontrar algum movimento possível no presente.

VOZ III · A TCI

A continuidade de um processo depende de transições de estado. Sem atualização, determinadas trajetórias deixam de explorar possibilidades. Movimento mínimo não garante sucesso, mas preserva abertura do sistema.

CAPÍTULO 14

Amanhã será hoje

VOZ I • PENSAMENTO

Pai, uma ideia ficou repetindo dentro de mim:

O amanhã não existe do jeito que eu costume tratá-lo.

O hoje existe.

Porque amanhã, quando chegar, será hoje.

Daqui a um ano, se eu estiver aqui, será hoje.

Daqui a dez anos também será hoje.

Eu posso planejar o futuro. Posso guardar dinheiro. Posso desenhar uma casa. Posso escrever metas. Posso preparar meus filhos. Posso sonhar com coisas que ainda não existem. Mas todo encontro real com essas coisas acontecerá num presente.

Isso me fez perceber quantas vezes eu empurrei vida para uma data que ainda não podia ser vivida.

O amor acontece hoje.

O sonho acontece hoje.

O esforço acontece hoje.

O plano acontece hoje.

O medo também.

A fome também.

O nascimento também.

A morte também.

Eu não digo isso para fingir que amanhã não importa. Importa porque eu posso preparar alguma coisa para ele. Mas até a preparação acontece agora.

O futuro pode orientar.

O presente é onde a mão toca.

É onde a boca fala.

É onde o corpo levanta.

É onde a assinatura acontece.

É onde alguém decide pedir desculpas ou permanecer em silêncio.

É onde uma página recebe palavras.

Pai, talvez eu tenha passado tempo demais esperando sentir que a vida finalmente começou.

Hoje eu quero reconhecer: ela já começou faz tempo.

Ela está acontecendo.

VOZ II • O AUTOR

O futuro permanece importante como orientação, mas não é experimentado fora do presente. A oração não abandona planejamento; reposiciona o lugar concreto em que qualquer planejamento pode produzir ação.

VOZ III • A TCI

O modelo pode representar estados futuros, mas toda atualização observável do agente ocorre em *t* atual. Projeção e execução pertencem a funções diferentes dentro da trajetória.

CAPÍTULO 15

A vida acontece hoje

VOZ I • PENSAMENTO

É hoje, Senhor.

É hoje que uma vendedora leva uma roupa para o provador e alguém se olha no espelho imaginando a festa em que pretende usar aquela peça.

É hoje que alguém frita uma porção de batatas para um grupo de amigos que acabou de sair da faculdade. Eles chegam falando alto, misturam assuntos, riem de alguma coisa que daqui a alguns anos talvez ninguém mais lembre com exatidão. A comida chega à mesa. Uma fotografia pode ser feita. Uma amizade continua existindo mais uma noite.

É hoje que alguém se alimenta.

É hoje que alguém passa fome.

É hoje que uma criança nasce.

É hoje que alguém morre.

É hoje que alguém recebe uma notícia e precisa reorganizar toda a semana. É hoje que outra pessoa consegue aquilo por que trabalhou durante muito tempo.

O hoje não é bonito porque só contém coisas boas.

Ele é real porque contém aquilo que está acontecendo.

Eu quero agradecer pelo hoje.

Por ele não ter parado quando eu pensei em parar.

Por eu ter escrito mais algumas linhas.

Por eu ter voltado à página quando a voz embargou.

Por eu ter conseguido contemplar pessoas que nunca conheci, situações que talvez só existam como possibilidade na minha imaginação, e ainda assim perceber alguma coisa verdadeira sobre mim: eu participo de um mundo que não espera a conclusão da minha história para continuar.

Amanhã talvez eu volte à cabana.

Talvez eu caminhe até a casa.

Talvez eu veja como está o jardim.

Mas hoje eu precisava ficar aqui.

No movimento.

No agora.

VOZ II • O AUTOR

O hoje contém alegria e dor sem precisar ser moralmente harmonizado. A repetição do termo funciona como marca rítmica da descoberta. O presente não é bom porque tudo nele é bom; é real porque é onde a interação acontece.

VOZ III • A TCI

O estado atual é a região em que o sistema pode receber entradas e produzir respostas. Futuro modelado e passado armazenado influenciam M, mas a atualização operacional ocorre no presente.

CAPÍTULO 16

A vida é para este momento

VOZ I • PENSAMENTO

Senhor, hoje eu contemplei.

Hoje eu vivi várias vidas dentro da imaginação.

Vivi sonhos que não eram meus.

Decepções que eu apenas pude tentar compreender.

Medos.

Paixões.

Planos.

Perdas.

Chegadas.

Partidas.

Olhares que se cruzam sem conhecer a história uns dos outros.

Eu pensei em parar de escrever e terminei escrevendo sobre movimento.

Isso me parece quase uma resposta construída no próprio ato.

Eu não sei o que estarei escrevendo amanhã.

Não sei se vou voltar ao ribeiro. Não sei se a casa terá uma parede nova. Não sei se alguma parte do jardim terá florescido. Não sei quais notícias chegarão.

Hoje eu sei apenas o que está diante de mim.

A vida não é para depois.

A vida é para este momento.

Eu quero guardar essa frase sem transformá-la numa cobrança cruel. Há dias em que viver o momento será produzir muito. Em outros, será conseguir levantar. Em alguns, será descansar. Em outros, será pedir ajuda. Hoje, para mim, foi escrever.

Escrever enquanto o mundo passava diante dos olhos da imaginação.

Escrever enquanto a respiração encontrava espaço.

Escrever porque o silêncio não precisava significar fim.

Pai, obrigado pelo hoje.

Amém.

VOZ II • O AUTOR

O encerramento não transforma presença em cobrança por desempenho. O próprio texto reconhece que viver o hoje pode significar produzir, descansar, pedir ajuda ou simplesmente continuar respirando. Para esta manhã, significou escrever.

VOZ III • A TCI

Trajetórias humanas não exigem velocidade constante. Continuidade pode assumir ritmos diferentes. O que permanece é a impossibilidade de comprimir o futuro inteiro no estado atual: X continua aberto.

EPÍLOGO

O hoje não parou

Pai.

Eu termino este volume pensando naquilo que quase não existiu.

Eu ia parar.

A página poderia ter ficado em branco. A manhã teria continuado mesmo assim. A mulher teria aberto a loja. O ônibus teria passado. O avião teria decolado. O homem na calçada teria acordado. Alguém teria recebido uma notícia boa. Alguém teria chorado. Alguém teria nascido. Alguém teria feito uma conta, servido uma mesa, dirigido uma estrada, abraçado um filho.

O mundo não dependia do meu livro.

Mas o meu livro dependia de eu permanecer presente naquele mundo por mais alguns minutos.

Isso muda o tamanho da frase “continuar”.

Eu não precisei terminar tudo. Não precisei descobrir o futuro. Não precisei saber como a casa ficará nem quanto tempo levará para o jardim encontrar outra forma. Eu apenas não fechei a porta quando ainda havia alguma coisa querendo ser dita.

Hoje eu percebi que a vida não espera eu resolver toda a minha história para começar.

Ela acontece no meio.

Acontece durante a luta.

Acontece enquanto a conta vence.

Enquanto alguém ama.

Enquanto alguém se decepciona.

Enquanto eu oro.

Enquanto eu escrevo.

Amanhã talvez eu volte à cabana. Talvez eu vá até a casa. Talvez eu descubra que alguma coisa mudou no ribeiro. Não sei.

Quando amanhã chegar, será hoje.

E eu quero estar lá.

Amém.

VOZ II • O AUTOR

O livro termina sem transformar o presente em uma moral de produtividade. O acontecimento central é mais simples: eu estava prestes a interromper a escrita e descobri, observando o mundo em movimento, que ainda havia vida dentro do projeto. O hoje virou lugar de continuidade.

VOZ III • A TCI

O estado atual concentra possibilidade de atualização, mas não contém a trajetória inteira. Passado e futuro influenciam o modelo; a interação operacional ocorre em t presente. X permanece aberto.

Caderno conceitual - TCI neste volume

1. SIMULTANEIDADE E COMPRESSÃO

O volume nasce da tentativa de imaginar muitas vidas ocorrendo ao mesmo tempo. Nenhum observador consegue representar integralmente essa simultaneidade. Cada cena selecionada é uma compressão parcial de uma realidade maior.

2. O OBSERVADOR DENTRO DO SISTEMA

A pergunta central muda de “o que acontece?” para “como isso acontece em mim?”. Na forma resumida, $M = \Phi(O,R)$. O observador O participa da representação por meio de memória, estado corporal, atenção, linguagem e trajetória.

3. ATENÇÃO E NÃO-PERCEPÇÃO

A mulher pode olhar para o chão e não percebê-lo porque sua atenção está ocupada por outras variáveis. Isso mostra que acessibilidade física e proeminência no modelo não são equivalentes.

4. INTERAÇÃO

A casa não existe isolada. Sistemas humanos recebem entradas do ambiente e também produzem respostas que alteram esse ambiente. Observar, ignorar, responder, celebrar e ajudar são formas diferentes de interação.

5. PRESENTE E ATUALIZAÇÃO

O futuro pode ser representado, planejado e desejado; o passado pode persistir como memória e efeito causal. Mas toda atualização operacional do agente ocorre no presente. O “hoje” é a região temporal de interação.

6. IDENTIDADE COMO PROCESSO

A identidade não é uma fotografia do estado atual nem uma soma fixa de perdas anteriores. O agente continua sendo atualizado por encontros, escolhas, memórias, projetos e perturbações. Identidade(t) permanece processo.

Síntese: R contém mais trajetórias do que qualquer observador consegue modelar; $M = \Phi(O,R)$; interação atualiza M e o próprio sistema; o presente é o ponto de atualização, não a totalidade da trajetória.

Referências

BATISTA, Nedson Moreira. Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI). Versão 16.0. DOI: 10.5281/zenodo.21315591.

BATISTA, Nedson Moreira. Deus: Como Eu Te Observo. Volume VII - Entre a Arena e o Ribeiro. Monte Mor, 2026.

BATISTA, Nedson Moreira. Deus: Como Eu Te Observo. Volume VI - Ainda Quero Viver. Monte Mor, 2026.

Sobre o autor

Nedson Moreira Batista é pesquisador independente e profissional de atuação interdisciplinar, com formação e experiência nas áreas de saneamento ambiental, química, regulação sanitária, conformidade regulatória, auditoria, qualidade, gestão de riscos, ciência de dados, inteligência artificial e sistemas complexos.

É autor da Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI), programa independente de pesquisa dedicado à relação entre observador, representação, incerteza, trajetória e tomada de decisão. Em sua produção literária religiosa, escreve a série Deus: Como Eu Te Observo, construída a partir de orações, contemplações e pensamentos em primeira pessoa.

Neste projeto, a escrita preserva a diferença entre confissão de fé, construção literária e formalização teórica. A oração permanece oração. A teoria permanece teoria. O autor permanece dentro do sistema que observa.